

EFEITOS DE SENTIDOS A RESPEITO DA HOMOSSEXUALIDADE NO DISCURSO DO PAPA FRANCISCO

Daniel Santos Oliveira¹

Débora Massmann²

Resumo: Inscritos nas perspectivas dos estudos discursivos, tal como propostos por Pêcheux (2014a, 2014b, 2015a e 2015b) e Orlandi (1993, 2006 e 2020), buscamos investigar o processo de significação que se materializa por meio dos discursos do Papa Francisco que tocam questões da/ sobre a homossexualidade, que foram discursivizados pela mídia como revolucionários. Utilizando tais discursos como *corpus* deste estudo, objetivamos compreender o processo discursivo posto em funcionamento, suas condições de produção e, em especial, a atualização da memória discursiva de/sobre a homossexualidade no discurso da Igreja.

Palavras-chave: Análise de Discurso; Papa Francisco; Homossexualidade;

EFFECTS OF MEANINGS REGARDING HOMOSEXUALITY IN THE SPEECH OF POPE FRANCISCO

Abstract: Inscribed in the perspectives of discursive studies, as proposed by Pêcheux (2014a, 2014b, 2015a and 2015b) and Orlandi (1993, 2006 and 2020), we seek to investigate the process of meaning that materializes through Pope Francisco's speeches that touch on issues of/about homosexuality, which were discursivized by the media as revolutionaries. Using such discourses as the corpus of this study, we aim to understand the discursive process put into operation, its conditions of production and, in particular, the updating of the discursive memory of/about homosexuality in the Church's discourse.

Key-words: Discourse Analysis; Pope Francisco; Homosexuality;

1 Doutorando em Linguística pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística e Literatura (PPGLL) da Universidade Federal de Alagoas (UFAL). Email: oliveira.dan@outlook.com

2 Professora Adjunta da Universidade Federal de Alagoas. Email: massmann.debora@gmail.com

Considerações Iniciais

O estudo que propomos busca investigar como se dão, atualmente, as (novas) relações da Igreja Católica com a sociedade. Buscamos pesquisar a respeito do modo com que, aparentemente, já não é mais possível para essa instituição religiosa permanecer imune aos avanços que são trazidos pela contemporaneidade.

Antes de iniciarmos a investigação a respeito do modo com que se dá o posicionamento (ou o não-posicionamento) da Igreja Católica frente às questões polêmicas da atualidade, é importante sinalizar que desde a morte de Jesus Cristo (nascimento³: entre 4 - 1 a. C. e morte: entre 34 - 30 d. C.), a Igreja põe em prática um ininterrupto movimento de sucessão de seus líderes. Os Papas, aqueles que são designados a, em máxima autoridade, representar, dirigir e administrar a Santa Igreja de Roma, são considerados representantes diretos de Deus/Jesus Cristo e, dentro de suas funções, estabelecem as diretrizes do bom funcionamento da Instituição, bem como da vida de seus adeptos.

Desde março de 2013, após eleição entre Cardeais do Vaticano, foi eleito para assumir a posição de Sumo-Pontífice da Igreja Católica o Cardeal Jorge Mário Bergoglio, que se nomeou Papa Francisco para exercer o papado. Essa pesquisa direciona a investigação àquilo que foi dito pelo Papa Francisco, por meio de discursos, dentro do seu Pontificado. Ou seja, o cor-

3 Mencionar essa (possível) data exige um importante detalhamento: consideramos a existência de longas e complexas discussões e pesquisas a respeito da existência ou não de Jesus Cristo. A definição específica das datas de algumas figuras históricas do antigo mediterrâneo, como é o caso de Jesus Cristo, carregam, até hoje, grandes imprecisões porque “correspondem a um período, do ponto de vista histórico, bastante problemático” (LIMA JÚNIOR, 2009, p. 25). Desse modo, trabalharemos com base na existência de Jesus Cristo e a possibilidade de calendário aqui utilizado compreende o seu nascimento em “um lugar na estrutura cronológica de governantes mundiais e locais, ao mencionar Augusto César [63 a.C. – 14 d. C.], o imperador, e em seguida, Quirino [51 a. C. – 21 d. C.], o legado local da Síria” (LIMA JÚNIOR, 2009, p. 31).

pus pesquisado e selecionado para o estudo que propomos, se constitui por recortes de alguns discursos religiosos católicos, especificamente aqueles que foram proferidos pelo Papa Francisco.

E considerando que “com o estudo do discurso observa-se o homem falando” (ORLANDI, 2020, p. 13), esta pesquisa inclina-se por reunir discursos do referido Papa, visto que ele frequentemente tem abordado temas sensíveis para a Igreja Católica, ocasiões essas cujos efeitos na sociedade lhe atribuem a designação de revolucionário. É por isso que o movimento de seleção e recorte dos discursos foi conduzido pela pergunta orientadora deste estudo: quais formações discursivas permitem que o Papa Francisco seja discursivizado (atualmente) pela mídia como revolucionário? Do mesmo modo que temos como objetivo identificar ocorrências de deslizamentos de sentidos comparando o dito pelo Papa Francisco com aquilo que está na base do discurso religioso católico.

A inclinação por pesquisar a respeito do funcionamento dos discursos, no caso dessa pesquisa os de natureza religiosa católica, encontra férteis bases teóricas e metodológicas nas tradições da Análise de Discurso, mais especificamente nas contribuições de Michel Pêcheux (2014a, 2014b, 2015a e 2015b) e Eni Orlandi (2006, 2013 e 2020) para esse campo. Para a reunião e compreensão de algumas noções como discurso, condição de produção, memória discursiva e formação discursiva, que são basilares e estruturantes dessa vertente teórica, recorreremos à Orlandi (2005), Orlandi e Lagazzi-Rodrigues (2017) e Pêcheux (2014b). Para observar as condições de produção do discurso religioso, buscamos fundamento em Orlandi (2006), e para explorar o funcionamento da ideologia religiosa, nos baseamos em Althusser (1985).

Na movimentação dos gestos de análise, utilizamos Orlandi (2020) para compreendermos as condições de produção de cada fragmento selecionado. Ao final, aplicamos o que propõe

Pêcheux (2015b) e Orlandi (1993) para entendermos o funcionamento da noção de acontecimento discursivo, bem como o modo com que houve (ou não) tal acontecimento a partir dos resultados de nossas análises.

Das questões para a Análise de Discurso: condição de produção e memória discursiva

Tomaremos como ponto de partida a noção de discurso pensada por Orlandi (2020, p. 20) quando afirma que “discurso é efeito de sentidos entre locutores”. Porém, antes de compreendermos como se dá essa produção de “efeito de sentidos”, é necessário

Sinalizar que estamos considerando o discurso enquanto lugar de observação da “relação língua/sujeito/história ou, mais propriamente, sobre a relação língua/ideologia” (ORLANDI, 2005, p. 2), a partir de um dispositivo teórico com “filiação específica que teve como um de seus fundadores Michel Pêcheux” (ORLANDI, 2005, p. 2).

Para tratarmos do funcionamento do discurso, é indispensável evocar aqui teorias que compõe as chamadas condições de produção. Isso porque essa noção ressalta a necessidade de inserir na discussão o sujeito e a situação. Essa última entendida como o local onde os discursos foram proferidos e, com base na Análise de Discurso, podem ser consideradas em sentido estrito e em sentido lato (ORLANDI e LAGAZZI-RODRIGUES, 2017). Dentro dessas duas possibilidades de teorização, sobre o sentido estrito, compreende-se que se trata das “circunstâncias de enunciação, o aqui e o agora do dizer, o contexto imediato” (ORLANDI e LAGAZZI-RODRIGUES, 2017, p. 17). E sentido lato interroga, nesse caso, o modo com que a história determina a relação dos sujeitos com os sentidos.

Segundo Orlandi e Lagazzi-Rodrigues (2017, p. 17) “faz ainda parte das condições de produção a memória discursiva”. Porém, é fundamental que a reflexão sobre a noção teórica a respeito da memória discursiva, inicie na observação de que essa memória é aqui considerada

de modo particular dentro da relação com o discurso. Assim, de acordo com Pêcheux (2015a, p. 58), “no sentido discursivo, a memória – o interdiscurso, como definimos pela análise de discurso – é o saber discursivo que faz com que, ao falarmos, nossas palavras façam sentido. Ela se constitui pelo já-dito que possibilita todo dizer”.

É importante compreender também, de acordo com Orlandi (2013a, p. 12) que a memória discursiva “tem relações complexas com o saber discursivo, ou seja, com o interdiscurso, que é a memória irrepresentável, que se constitui ao longo de toda uma história de experiência de linguagem”. Ou seja, é através do estudo sobre o funcionamento da memória discursiva dentro dos discursos, que é possível observar que “os sentidos permanecem em constante relação com a historicidade, intrincada à memória discursiva” (AMARAL e LOPES, 2019, p. 484).

Desse modo, somos levados a compreender que a memória discursiva possibilita a constituição de “dizeres outros, que convocados na história, ideologicamente marcados, afetarão os discursos produzidos pelo sujeito, em dada condição de produção” (MASSMANN, 2021, p. 345). De acordo com a citada autora, o estudo a respeito do funcionamento da memória discursiva conduz à percepção da existência de uma relação de dependência entre discursos, uma vez que em um dado discurso, sempre haverá marcas de outros (discursos) que o antecedem. E compreender essa relação em que (novos) discursos são (re)produzidos já marcados (afetados) por discursos anteriores (a memória), conduz à observação de que os novos dizeres estabelecem relações de sentido porque:

Recuperam um dizer já estabelecido [...] possibilitando uma reformulação do mesmo enunciado, mas sem abrir espaço para o novo. Essa tensão entre a retomada do mesmo e a impossibilidade do diferente reproduz, na verdade, uma formação discursiva dominante (FERNANDES, 2009, p. 5).

Ou seja, é no interdiscurso, pelo efeito da memória, que são produzidas essas marcas que se repetem em discursos diferentes e que apontam para o funcionamento da “formação discursiva⁴ dominante, as formações discursivas que constituem o que chamamos de seu interdiscurso [que] determinam a dominação da formação discursiva dominante” (PÊCHEUX, 2014b, p. 151, grifos do autor). Com isso, entendemos que a movimentação teórica a respeito do funcionamento do discurso que considera noções sobre condições de produção e modos de funcionamento da memória discursiva (interdiscurso), conduz a percepção de que:

Saber como os discursos funcionam é colocar-se na encruzilhada de um duplo jogo da memória: o da memória institucional que estabiliza, cristaliza e, ao mesmo tempo, o da memória constituída pelo esquecimento que é o que torna possível o diferente, a ruptura, o outro (ORLANDI, 2020, p. 8).

Com base na citação anterior, a observação desse “duplo jogo da memória” lança luzes sobre o funcionamento da mencionada “memória institucional”, dentro do discurso religioso, visto que este compõe o corpus selecionado para essa investigação. Desse modo, longas e complexas relações dessa memória com o interdiscurso são postas em movimento no interior do funcionamento da instituição religiosa através de experiências inscritas no passar da história. Tais experiências, portanto, conduzem, ainda com base na citação anterior, à cristalização dos sentidos que são (re)produzidos nos discursos religiosos.

Refletir a respeito do modo com que essa memória institucional produz esse aparente efeito de estabilidade do sentido (cristalização),

⁴ Esta pesquisa considera a noção de formação discursiva como o “que pode e deve ser dito (articulado sob a forma de uma arenga, de um sermão, de um panfleto, de uma exposição, de um programa, etc.) a partir de uma posição dada numa conjuntura” (PÊCHEUX, 2014a, p. 164).

conduz à compreensão da noção de memória de arquivo. Isso porque, pelo modo com que é trabalhado pela Análise de Discurso, o arquivo “é o discurso documental, memória institucionalizada. Essa memória tem relações complexas com o saber discursivo, ou seja, com o interdiscurso, que é a memória irrepresentável, que se constitui ao longo de toda uma história de experiência de linguagem” (ORLANDI, 2013a, p. 12).

É importante compreendermos que essa noção de arquivo considera que “o arquivo não é reflexo passivo de uma realidade institucional, ele é, dentro de sua materialidade e diversidade, ordenado por sua abrangência social” (GUILHAUMOU e MALDIDIER, 2014, p. 170). Ou seja, de acordo com os referidos autores, é fundamental que o estudo do/sobre o arquivo compreenda a relação que há entre a história e a linguística; uma vez que “o arquivo não é um simples documento no qual se encontram referências; ele permite uma leitura que traz à tona dispositivos e configurações significantes” (GUILHAUMOU e MALDIDIER, 2014, p. 170).

Em vista disso, é fundamental especificar também que o discurso documental se define aqui “como um saber científico, que toma forma na relação com as instituições, os sujeitos da ciência, os meios de circulação do saber, dentre outros aspectos conjunturais” (NUNES, 2008, p. 81). Com base no citado autor, podemos considerar os efeitos (de estabilidade) dessa memória institucional por meio da observação do que ocorre no/pelo funcionamento da instituição Igreja Católica; na medida em que tal instituição põe em circulação o seu “saber” a partir de discursos documentais (a Bíblia, o Catecismo, as Cartas Encíclicas, por exemplo).

Esses discursos documentais, então, em seus modos de elaboração e circulação (pela Igreja Católica), (re)produzem efeitos que apontam para a “sua unidade, linearidade, imaginário de completude” (NUNES, 2008, p. 87). Em vista disso, somos levados a compreender que a Igreja Católica desenvolve “práticas institucionais e de

arquivo [que] realizam um trabalho de interpretação que direciona os sentidos, estabelecendo uma temporalidade e produzindo uma memória estabilizada” (NUNES, 2008, p. 82).

Essa breve discussão aqui aventada justifica-se na importância de compreender que os processos que levam à cristalização (estabilização) dos sentidos ocorrem por meio dos efeitos das relações entre a inscrição da língua na história e a produção do discurso documental. Desse modo, entendemos que “a memória de arquivo, sendo esta a memória institucional, a que não esquece e alimenta a ilusão da ‘literalidade’, [...] sustentada pelas instituições, lugares por onde circula o discurso documental” (ORLANDI, 2013b, p. 4, grifo da autora).

Tendo movimentado as noções do/sobre o arquivo (e seus efeitos) podemos, a partir deste ponto, seguir com as discussões voltando o foco para o discurso. Então, é relevante salientarmos que a preferência pelo uso do termo discurso encontra justificativa na noção de que tal termo “implica que não se trata necessariamente de uma transmissão de informação entre A e B, mas de modo mais geral, de um ‘efeito de sentidos’ entre os pontos A e B (PÊCHEUX, 2014a, p. 81, grifos do autor).

No que propõe Pêcheux (2014a), as designações sobre A e B referem-se aos sujeitos que participam dos processos discursivos. Nesse caso, tais sujeitos não correspondem à noção de sujeitos empíricos, mas posições ocupadas por tais sujeitos para serem sujeitos do que dizem (ou seja, sujeitos do discurso). E o modo com que os sujeitos ocupam determinadas posições no discurso, é posto em movimento a partir de, como propõe o citado autor, Formações Imaginárias⁵.

5 É importante sinalizar que a noção de Formações Imaginárias que aqui utilizamos refere-se ao que propõe Pêcheux (2014a, p. 82, grifos do autor), quando afirma que em meio aos processos discursivos, ocorrem “uma série de formações imaginárias que designam o lugar que A e B se atribuem cada um a si e ao outro, a imagem que eles se fazem de seu próprio lugar e do lugar do outro”.

Compreendemos, então, que através do estudo sobre o funcionamento do discurso, é possível observar as relações que se dão por meio da linguagem, nesse caso, as relações dos sujeitos com os sentidos. Isso porque, como já dito anteriormente, tais relações produzem inúmeros efeitos ao longo da história. Com isso, tendo em vista que o discurso religioso compõe o corpus do estudo aqui proposto, faz-se necessário, a partir da próxima seção, conduzirmos as investigações até seus modos de funcionamento na/pela sociedade.

Condição de produção do discurso religioso

Tendo posto em movimento a exploração a respeito das noções teóricas, com base na Análise de Discurso, sobre as condições de produção dos discursos, é possível, a partir desta seção da pesquisa, iniciarmos uma tentativa de aproximação entre o quadro teórico a que este estudo se filia e o corpus selecionado para as análises: o discurso religioso católico. Com isso, inicialmente utilizaremos o que propõe Orlandi (2006), quando afirma que:

Tomaremos, como referência, sobretudo o discurso religioso cristão – particularmente o católico. E o objetivo desse nosso estudo é justamente o de instituir um parâmetro exploratório, a partir do qual se poderão observar as formas da religião em geral, ou seja, as diversas maneiras que o homem tem de se relacionar com o sobrenatural (ORLANDI, 2006, p. 243, grifos da autora).

O uso da citação anterior dentro do presente estudo encontra justificativa em dois aspectos importantes para o caminho de reflexão que aqui propomos: 1 – Nas palavras de Orlandi (2006), em termos tipológicos, marcar qual discurso religioso interessa essa pesquisa: o cristão católico; 2 – Levantar algumas hipóteses sobre como se dá a relação do homem com o sagrado. Desse modo, é fundamental introduzirmos o estudo sobre a condição de produção do discurso

religioso, a partir da noção teórica, proposta por Orlandi (2006), sobre reversibilidade.

Antes de elaborarmos uma possível definição, é necessário observar o funcionamento do discurso religioso considerando suas propriedades e “entendendo reversibilidade como a troca de papéis na interação que constitui o discurso e que o discurso constitui” (ORLANDI, 2006, p. 239). Para compreendermos essa troca de papéis, de acordo com a citada autora, é essencial percebermos que existe uma dinâmica na relação de interlocução que é constitutiva do discurso e que sem esse movimento de troca de papéis “o discurso não se dá, não prossegue, não se constitui” (ORLANDI, 2006, p. 239).

E é importante reconhecer também que a discussão a respeito dessa troca de papéis, através da noção de reversibilidade, não significa “fixar de forma categórica o locutor no lugar do locutor e o ouvinte no lugar do ouvinte” (ORLANDI, 2006, p. 239). Desse modo, é possível percebermos que as determinações que caracterizam essa noção integram a condição de produção do discurso religioso e conduzem ao estudo sobre seu funcionamento até a perspectiva de que, em relação à definição dos lugares ocupados pelos sujeitos (do discurso), “não se definem em sua essência, mas quando referidos ao processo discursivo: um se define pelo outro, e, na sua relação, definem o espaço da discursividade” (ORLANDI, 2006, p. 239).

É pertinente destacarmos aqui que nem todo discurso se constitui ou funciona por meio de uma relação fixa e estável com a noção de reversibilidade. Por exemplo, Orlandi (2006) propõe a observação das diferenças entre os discursos: polêmico⁶, lúdico⁷ e autoritário. E no caso do presente estudo, de acordo com a citada

6 A relação do discurso polêmico com a noção de reversibilidade, de acordo com Orlandi (2006, p. 239) se “realiza segundo certas condições (a dinâmica da tomada da palavra).

7 Quanto ao discurso lúdico, Orlandi (ibidem, p. 239) indica que “ele pode suspender essa condição, uma vez que é um discurso que está no limiar da concepção de linguagem como dialogia”.

autora, destinaremos ênfase à exploração sobre o discurso autoritário. Uma vez que, “se tratando do discurso autoritário, gostaríamos de observar que, embora não haja reversibilidade de fato, é a ilusão da reversibilidade que sustenta esse discurso” (ORLANDI, 2006, p. 240, grifos da autora).

Orlandi (2006) sugere que a compreensão do termo ilusão esteja mais voltada para sentimento do que para engano. Isso contribui para o entendimento de que no discurso autoritário funciona uma dinâmica da tomada da palavra em que “a reversibilidade tende a zero, quando é zero o discurso se rompe, desfaz-se a relação, o contato e o domínio (o escopo) do discurso ficam comprometidos” (ORLANDI, 2006, p. 240). Assim sendo, somos levados a compreender que é por meio de tal noção que surge “a necessidade de se manter o desejo de torná-lo reversível. Daí a ilusão. E essa ilusão tem várias formas nas diferentes manifestações do discurso autoritário” (ORLANDI, 2006, p. 240).

Investigar as propriedades⁸ do discurso autoritário, considerando a noção de reversibilidade, implica em envolver na discussão o modo com que a noção de polissemia viabiliza a identificação dos tipos de discurso. Isso porque “na polissemia, o que temos é deslocamento, ruptura de processos de significação” (ORLANDI, 2020, p. 34). E pela ênfase em investigar o funcionamento do discurso autoritário, observa-se que esse tipo de discurso “tende à monossemia, uma vez que esse discurso se caracteriza pela polissemia contida, estancada” (ORLANDI, 2006, p. 240). Entretanto, nas palavras da citada autora, é indispensável que exista um cuidado para

8 O uso da palavra “propriedade” exige aqui um detalhamento importante: de acordo com Orlandi (ibidem, p. 256-257) existe uma diferença significativa entre propriedade e marca. A citada autora propõe que “propriedade tem mais a ver com a totalidade o discurso e sua relação com a exterioridade, enquanto marca diz respeito à organização do discurso”. Ou seja, no caso do objeto deste estudo, o discurso religioso, a propriedade que o caracteriza “é a não reversibilidade entre os planos temporal e espiritual e a consequente ilusão de reversibilidade com suas formas determinadas” (Idem, ibidem, p. 257).

não definirmos o discurso autoritário como monossêmico, é importante ter em consideração que ele tende⁹ para a monossemia.

Esse percurso de investigação teórica que reflete a respeito do discurso autoritário, encontra justificativa na compreensão de que o discurso religioso, “objeto de nossa reflexão, nesse trabalho, pode ser considerado, em termos tipológicos, na perspectiva do discurso autoritário” (ORLANDI, 2006, p. 241). Com isso, a partir da compreensão dessa noção, é possível conduzirmos o estudo até a exploração sobre o discurso religioso. E para isso, recorreremos ao que propõe Althusser (1985) sobre o funcionamento da ideologia religiosa cristã. Logo, é necessário observarmos duas teses elaboradas por Althusser (1985, p. 93) muito importantes para a investigação pretendida por este trabalho: “1 – só há prática através de e sob uma ideologia. 2 – Só há ideologia pelo sujeito e para o sujeito”.

No contexto da religião cristã católica, uma possibilidade de compreensão a respeito da primeira tese, pode ser entendida a partir da observação do que ocorre no interior do ritual religioso (que, segundo Althusser [1985], corresponde a práticas como o batismo, a comunhão, a crisma, a confissão¹⁰, etc.). Isso porque, de

9 Através do estudo sobre o funcionamento dos tipos de discurso, tomando a noção da reversibilidade como um parâmetro comum, é admissível entender que não é possível a existência de uma monossemia plena nos discursos, pois entendemos que “todo discurso é incompleto e seu sentido é intervalar: um discurso tem relação com outros discursos, é constituído pelo seu contexto imediato de enunciação e pelo contexto histórico-social, e se institui na relação entre formações discursivas e ideológicas” (ORLANDI, 2006, p. 240). Com isso, em síntese, “poderíamos, então, dizer que todo discurso, por definição, é polissêmico, sendo que o discurso autoritário tende a estancar a polissemia” (ORLANDI, 2006, p. 240).

10 Dado que leitores não católicos podem não reconhecer essas nomenclaturas das práticas que ocorrem nos ritos católicos, recorreremos à Ximenes (2000) para detalhar, brevemente, cada cerimônia. Logo, em relação ao batismo (Idem, ibidem, p. 125), se refere à um “sacramento da Igreja Católica no qual, pela ação simbólica da água, dá-se a purificação das culpas e pecados. [...] Iniciação religiosa”. No que se refere à comunhão, trata-se de “união de pessoas em torno de ideias, crenças, etc. Ação de ad-

acordo com o autor, nas práticas das cerimônias religiosas, tal ritual diz respeito a um “procedimento gerador de sujeitos religiosos cristãos, é denominado por um estranho fenômeno: só existe uma tamanha multidão de sujeitos religiosos possíveis sob a condição absoluta da existência de um Outro Sujeito Único, Absoluto, ou seja, Deus” (ALTHUSSER, 1985, p. 100, grifos do autor).

É imprescindível compreendermos que essa relação entre as noções teóricas sobre ideologia (religiosa) e sujeito (religioso) que referimos, nos ajuda na observação de que “a interpelação dos indivíduos como sujeitos supõe a ‘existência’ de um Outro Sujeito, único, e central em nome da qual a ideologia religiosa interpela todos os indivíduos como sujeitos” (ALTHUSSER, 1985, p. 101). Para tornar nítido que a partir deste ponto estamos discutindo a existência de sujeitos com propriedades diferentes, “designaremos este novo e singular Sujeito como Sujeito com maiúscula para distingui-lo dos demais, sem maiúscula” (ALTHUSSER, 1985, p. 101, grifo do autor).

Em relação ao que propõe Althusser (1985) sobre a necessidade da diferenciação teórica entre o Sujeito e sujeito, Orlandi (2006, p. 241) salienta que por meio dessa separação “o autor passa então a distinguir o Sujeito dos sujeitos vulgares: Deus é o Sujeito e os homens são os seus interlocutores-interpelados, os seus espelhos, os seus reflexos (não foram criados à Sua imagem?)”. Ou seja, é fundamental percebermos que nessa relação entre o Sujeito e os sujeitos existe uma interpelação em que o sujeito “se reconhece como sujeito, sujeito de Deus, sujeito submetido a Deus, sujeito pelo Sujeito e submetido ao Sujeito” (ALTHUSSER, 1985, p.

ministrar ou receber o sacramento da eucaristia” (Idem, ibidem, p. 235). A crisma corresponde ao “sacramento que confirma a adesão à fé católica; confirmação. Óleo bento e perfumado com que se administram certos sacramentos” (Idem, ibidem, p. 269). Por fim, a confissão conceitua-se como a “ação de confessar. O sacramento da penitência. Declaração da própria fé” (Idem, ibidem, p. 241).

101, grifos do autor).

Nessa perspectiva, é essencial observarmos a existência de um desdobramento “do Sujeito em sujeitos e do Sujeito mesmo em sujeito-Sujeito” (ALTHUSSER, 1985, p. 102, grifos do autor). Ou seja, através do estudo a respeito desse desdobramento é possível notar que há aí uma relação de dependência em que “Deus precisa dos homens, o Sujeito precisa dos sujeitos, assim como os homens precisam de Deus, os sujeitos precisam do Sujeito. Ou melhor: Deus precisa dos homens, o Sujeito dos sujeitos [...]” (ALTHUSSER, 1985, p. 101).

Por conseguinte, pela observação do funcionamento do mencionado desdobramento, nessa relação do Sujeito com os sujeitos, de acordo com Althusser (1985, p. 102), somos levados a compreender também “que a ideologia, ao interpelar os indivíduos em sujeitos em nome de um Sujeito Único e absoluto é especular, isto é, funciona como um espelho, e duplamente especular: este desdobramento especular é constitutivo da ideologia e assegura seu funcionamento”. Desse modo, nas palavras do citado autor, é importante reconhecermos que o Sujeito Deus, nesse caso, assume a posição de centro da ideologia e, sendo Sujeito Absoluto, produz como efeito a interpelação dos indivíduos à sua volta como sujeitos.

É aí que somos conduzidos à reflexão de que dentro do funcionamento dessa ideologia duplamente especular, existem fatores e aspectos que, ao mesmo tempo em que constituem o sujeito, o colocam em uma posição de sujeição. Isso em razão de, ao constituir-se sujeito através da interpelação do Sujeito, o sujeito livremente submete-se (sujeita-se) às ordens (por meio dos mandamentos, da Sagrada Escritura etc.) daquele é que uno, central, absoluto e representante da ideologia religiosa. Com isso, nesse caso, “temos, então, por essas relações de sujeito: o reconhecimento, a identidade, o apaziguamento” (ORLANDI, 2006, p. 242).

Ao explorarmos essa relação de sujeição que existe no funcionamento da ideologia reli-

giosa, envolvendo as questões relacionadas aos aspectos constitutivos do sujeito (religioso), observando Althusser (1985), somos levados a compreender a existência de uma ambiguidade no interior do termo sujeito. Isso porque, sujeito significa “1 – uma subjetividade livre: um centro de iniciativas, autor e responsável por seus atos; 2 – um ser subjugado, submetido a uma autoridade superior, desprovido de liberdade, a não ser a de livremente aceitar sua submissão” (ALTHUSSER, 1985, p. 104).

É essencial considerarmos, então, no estudo a respeito dos aspectos constitutivos do sujeito (religioso), tendo em vista o modo com que se dá a interpelação do Sujeito para com o sujeito, que através da ambiguidade do termo sujeito, pode-se compreender que “o indivíduo é interpelado como sujeito (livre) para livremente submeter-se às ordens do Sujeito, para aceitar, portanto (livremente) sua submissão [...] Os sujeitos se constituem pela sua sujeição” (ALTHUSSER, 1985, p. 104, grifos do autor).

É essencial percebermos que no discurso religioso existe “uma voz que se fala na outra da qual é representante” (ORLANDI, 2006, p. 244). De acordo com a citada autora, em todos os tipos de discursos há um “mecanismo de incorporação de vozes” (ORLANDI, 2006, p. 244) que faz com que uma voz possa se apropriar de um corpo para materializar-se. Ou seja, nessas circunstâncias, a voz de Deus se materializa (incorpora) na fala do padre, do bispo, do Papa etc. Esse mecanismo constitui o que entendemos por “forma da mistificação: em termos de discurso, é a subsunção de uma voz pela outra (estar no lugar de), sem que se mostre o mecanismo pelo qual essa voz se representa na outra” (ORLANDI, 2006, p. 244, grifos da autora).

Orlandi (2006) também chama a atenção para um aspecto importante que funciona no interior da relação de interlocução que nos referimos (assim como já visto, tal relação é assegurada pela sujeição): existe um “desnívelamento fundamental na relação entre locutor e ouvinte:

o locutor é do plano espiritual (o Sujeito, Deus) e o ouvinte é do plano temporal (os sujeitos, os homens)” (ORLANDI, 2006, p. 243, grifos da autora). Ou seja, é importante mencionar que locutor e ouvinte são posições no funcionamento do discurso porque é necessário observar que ambos, no caso do discurso religioso, “pertencem a duas ordens de mundo totalmente diferentes e afetadas por um valor hierárquico, por uma desigualdade em sua relação: o mundo espiritual domina o temporal” (ORLANDI, 2006, p. 243, grifo da autora).

Logo, por pertencerem a ordens de mundo distintas e intercambiáveis, o Sujeito e o sujeito se relacionam com base em uma assimetria que caracteriza e constitui o discurso religioso. Isso porque, em relação às características das posições assumidas pelos sujeitos no funcionamento do discurso religioso, observa-se que “o locutor é Deus, logo, de acordo com a crença, imortal, eterno, infalível, infinito e todo-poderoso; os ouvintes são humanos, logo, mortais, efêmeros falíveis, finitos, dotados de poder relativo. Na desigualdade, Deus domina os homens” (ORLANDI, 2006, p. 243).

Desse modo, para que possamos observar a condição de produção, por exemplo, do que é dito pelo Sujeito, é necessário investigar o modo com que “o lugar a partir do qual fala o sujeito é constitutivo do que ele diz” (ORLANDI, 2020, p. 37). É pertinente trazer para este ponto o segundo motivo dentro da justificativa de delimitar o discurso religioso católico como objeto de nosso estudo, que foi indicado no início da seção de anterior: 2 – Levantar algumas hipóteses sobre como se dá a relação do homem com o sagrado. É importante observarmos o que estamos considerando como sagrado, uma vez que no funcionamento do discurso religioso, “a relação com o sagrado revela, entre outros fatores, a relação do homem com o poder, no caso, com o poder absoluto, a ilusão da reversibilidade toma apoio na vontade de poder” (ORLANDI, 2006, p. 253, grifos da autora).

Para que seja possível compreendermos o funcionamento da vontade de poder, no interior da relação do homem com o sagrado, é necessário recorrermos a duas noções teóricas propostas por Orlandi (2006) designadas como ultrapassagem e transgressão. A vontade de poder que aqui nos referimos:

Apona para a ultrapassagem das determinações (basicamente de tempo e espaço): ir além do visível, do determinado, daquilo que é aprisionamento, limite. Ter poder é ultrapassar. E ter poder divino é ultrapassar tudo, é não ter limite nenhum, é ser completo (ORLANDI, 2006, p. 253).

Ainda de acordo com a citada autora, e como já visto anteriormente, a ilusão da reversibilidade, em seu funcionamento, gera um sentimento de identidade com Deus, “apresentando-se assim como uma forma legítima de ultrapassagem” (ORLANDI, 2006, p. 253, grifo da autora). Por outro lado, a noção sobre transgressão se trata de uma:

Forma de experimentar o lugar do poder absoluto. E é nessa relação com o poder que reside o prazer de transgredir. A transgressão, por sua vez, pode ser ou uma quebra das regras do jogo – tal como a blasfêmia, a heresia, o pecado – ou a usurpação do lugar, tal como o pacto com o diabo (ORLANDI 2006, p. 254).

Assim sendo, com base em Orlandi (2006), somos levados a compreender que tanto a ultrapassagem como a transgressão são formas assumidas pela ilusão da reversibilidade no interior do funcionamento do discurso religioso. E, nesse caso, tais formas podem ser observadas “através da relação do homem com o poder: em Deus o poder absoluto, no homem, a vontade desse poder” (ORLANDI, 2006, p. 257). Com isso, segundo a citada autora, entendemos que quando refletimos a respeito da assimetria entre os planos temporal e espiritual e a ilusão da reversibilidade estamos discutindo a respeito dos

aspectos que caracterizam o discurso religioso cristão.

E uma vez que esse nosso percurso teórico nos possibilita a compreensão de algumas definições e características do discurso religioso cristão, buscaremos, por meio da próxima seção da pesquisa, “estabelecer um diálogo constante entre teoria/método/procedimento analítico e objeto, tal como se espera de uma pesquisa que se inscreve na análise de discurso materialista” (MASSMANN, 2021, p. 347).

O discurso religioso em análise

Como dito na introdução, foi possível encontrar com facilidade um número significativo de ocorrências (notícias, reportagens etc.) que mostram que aquilo que foi dito pelo Papa se distancia de, por exemplo, dogmas e doutrinas que há muitos anos são cristalizadas pela Instituição Igreja Católica. Tais ocorrências, em que abordam temas sensíveis para esta instituição religiosa têm atribuído a Francisco posição de revolucionário. Em vista disso, é importante indicar que o procedimento analítico posto em movimento nesta seção da pesquisa tem a seguinte pergunta norteadora: quais formações discursivas permitem que o Papa Francisco seja discursivizado (atualmente) pela mídia como revolucionário?

Considerando que integra os objetivos dessa investigação que propomos analisar o modo com que o Papa Francisco, por meio de seus discursos, protagoniza episódios que colocam em funcionamento efeitos de sentidos tidos como revolucionários, utilizamos como *corpus*, especificamente, os discursos em que o Papa aborda questões sobre a homossexualidade. Abaixo trazemos o *print* da notícia de onde retiramos o primeiro discurso que analisaremos, com vistas a iniciarmos dando ênfase ao título da reportagem.

Figura 1 – Título da notícia sobre o “fazer história” de Francisco



Fonte: <https://www.hopeness.com.br/2018/05/deus-te-ama-assim-papa-francisco-faz-historia-com-fala-sobre-homossexualidade/> Acesso em 28 de fevereiro de 2022.

Através da teorização a respeito das condições de produção do discurso religioso, percebemos que o funcionamento da Igreja de Roma se inclina por conter a polissemia há mais de dois mil anos, visto que, por exemplo, os conceitos de céu e inferno, virtude e pecado etc., permanecem cristalizados desde sua fundação. Entretanto, o uso da expressão “faz história” no *print* acima, chama a atenção para um acontecimento com proporção tamanha, que pode ter provocado (ou indicado o começo de) uma aparente modificação nos dogmas e nas doutrinas católicas. Isso porque, para que um discurso marque (faça) a história, na proporção realçada pelo título da notícia, é necessário que nele existam sentidos nunca antes produzidos.

É possível notar que o efeito de sentido em relação a algo inédito (revolucionário) está sendo indicado pelas aspas e pela posição da declaração (logo no início). Uma vez que esse acontecimento (discursivo¹¹) estaria na direção

11 É importante sinalizar que “acontecimento discursivo” nomeia uma noção teórica proposta por Pêcheux

para onde o Papa Francisco aponta o seu discurso: um homem gay. Essa escolha linguística conduz a hipótese de que o discurso do Papa que está “fazendo história” é aquele que coloca o gay (a quem o Papa se dirige) como alguém que é amado por Deus. E é aí que parece haver um deslocamento e uma ruptura em relação ao que está na base do discurso religioso católico, pois o sentido de revolucionário parece estar no fato de que o Papa rompeu com a discursividade sustentada pela Igreja Católica de marginalizar os homossexuais.

Antes de compreendermos como ocorre a mencionada ruptura (gerada pela declaração do Papa), é essencial observarmos o modo com que a Igreja Católica, pela sustentação de uma discursividade, parece deslegitimar a homossexualidade. Mais adiante, incluiremos nos gestos analíticos recortes de documentos de carácter dogmático (o Catecismo) que regem as práticas dessa instituição religiosa e que funcionam como aquilo que denominamos de base do discurso religioso católico (a memória). Por hora, analisaremos, brevemente, dois recortes da Bíblia que é considerada, pelos católicos, o maior livro Sagrado.

A justificativa de recorrer à Bíblia encontra-se, como dito, no interesse em observar de que maneira uma discursividade (aparentemente) estável pode sofrer processos de rompimento. Desse modo, é importante lembrar que esse livro, tido como sagrado, possui publicação com milhares de anos e não consta na história momentos em que tal livro foi oficialmente (pela Igreja) submetido a reedições com ajustes ou modificações no texto. Ou seja, existe um gesto de cristalização que engessa a discursividade e que produz um efeito de estabilidade que parece construir um sentido de que versículos bíblicos como: “não te deitarás com um homem como se faz com mulher: é uma abominação” (BÍBLIA,

(2015b) que utilizaremos, mais adiante, para compreender o modo com que um enunciado, por exemplo, “Deus te ama assim” pode instituir fissuras (rupturas) em uma determinada discursividade.

1994, p. 135) são verdades universais.

Entretanto, essa “verdade universal” que corresponde a um efeito da memória de arquivo que, sendo institucional, visa impedir que o sentido seja esquecido e alimenta a ilusão de literalidade (ORLANDI, 2013b), está sendo contrariada pela afirmação “Deus te ama assim”. Isso porque, quando Francisco declara que Deus ama um homossexual, parece estar divergindo (rompendo) com a discursividade reproduzida pela Sagrada Escritura dos católicos, que julga a prática homossexual como “uma abominação”. Ou seja, quando o Papa afirma que “Deus te ama assim [homossexual]” parece desconstruir (atualizar) não só uma narrativa (um já-dito) católico, mas também um pressuposto cristão.

É necessário percebermos que o efeito discursivo de tentativa de cristalização dos sentidos se constitui por meio do funcionamento de arquivos que são elaborados e publicados especificamente para esta finalidade: reforçar, proteger e garantir que a base do discurso religioso católico (a memória) se mantenha estável. E considerando a Bíblia como um discurso documental (arquivo), nota-se que esse discurso, gerado pela memória institucionalizada, parece funcionar para a manutenção (permanência) dos sentidos produzidos pelos já-ditos católicos na/pela Igreja para a sociedade.

É importante lembrarmos de Orlandi (2020) quando aponta que a noção teórica a respeito das condições de produção dos discursos envolve os sujeitos, as situações e também a memória discursiva. Portanto, é imprescindível observarmos que em abril de 2018, no Vaticano, o Papa Francisco convidou para uma conversa particular Juan Carlos Cruz e mais três vítimas de abusos do famoso padre chileno Fernando Karadima¹². Isso porque, nessa época no Chile estava em plena explosão um dos mais devastadores episódios para a Igreja Católica: a divul-

12 Sugerimos a leitura da notícia: “Papa diz a homem gay que ‘Deus o fez e o ama assim’”, disponível em: <https://veja.abril.com.br/mundo/papa-diz-a-homem-gay-que-deus-o-fez-e-o-ama-assim/>. Acesso dia 1 de março de 2022.

gação de numerosas notícias que denunciavam casos de abuso sexual e pedofilia de mais de 30 bispos e padres chilenos.

“Deus te ama assim”, frase que introduz o título da notícia que destacamos, teria sido dita pelo Papa Francisco após ouvir de Juan Carlos Cruz declarações sobre sua sexualidade. Na ocasião, o Santo Padre escutou mais vítimas dos padres chilenos e pôs em elaboração, junto ao Vaticano, um relatório oficial com mais de duas mil páginas detalhando as graves acusações de abuso sexual e pedofilia que foram cometidos pelos mais de 30 bispos e padres chilenos. Esse documento, produzido por especialistas em crimes sexuais do Vaticano que foram ao Chile para investigar e entender o problema, não foi divulgado em sua totalidade, mas o Papa revelou suas principais conclusões sobre tal investigação e as entregou a todos os bispos mencionados que foram convocados para uma conferência emergencial¹³, em Roma.

Após essa reunião emergencial com o Sumo-Pontífice, cerca de 34 bispos chilenos pediram renúncia de seus cargos. É importante sinalizar que o aceite ou recusa de tais pedidos têm sido feitos após vagarosos processos com minuciosas análises. Por exemplo, em 11 de junho de 2018, o Vaticano divulgou que o Papa Francisco aceitara a renúncia de três bispos; no dia 21 de setembro, por comunicado oficial da Santa Sé, mais dois bispos chilenos haviam sido demitidos; os processos permanecem em andamento¹⁴ desde então.

Após essa breve exploração a respeito da circunstância em que o discurso que selecionamos foi produzido, apresentamos abaixo o recorte:

13 Sugerimos a leitura da notícia: “Papa Francisco convoca bispos chilenos para ir a Roma falar de abusos”, disponível em: <https://oglobo.globo.com/brasil/papa-francisco-convoca-bispos-chilenos-para-ir-roma-falar-de-abusos-22677307>. Acesso dia 7 de março de 2022.

14 Consideramos importante sinalizar para o leitor que nosso acompanhamento de tal andamento concluiu-se em agosto de 2022, data da escrita da versão final do presente texto.

Figura 2 – Resposta completa de Francisco à Juan Carlos

“Juan Carlos, que você é gay não importa. Deus te fez assim e te ama assim, e eu não me importo. O Papa te ama assim. Você precisa estar feliz com quem você é”, disse Francisco para um fiel chileno acusado por bispos católicos de perverso e que estaria mentido sobre ter sofrido abuso sexual.

Fonte: <https://www.hypeness.com.br/2018/05/deus-te-ama-assim-papa-francisco-faz-historia-com-fala-sobre-homossexualidade/> Acesso em 28 de fevereiro de 2022.

Se olharmos os efeitos da estabilização dos sentidos, o tradicional seria o silenciamento de questões delicadas para a Igreja, como é o caso do tema homossexualidade. Por exemplo, ao observarmos o papado de Bento XVI (anterior a Francisco e atual Papa Emérito da Igreja de Roma), é possível notar que as poucas vezes em que o então Sumo-Pontífice abordou tal tema, buscou sustentar e reforçar o sentido negativo¹⁵ que há muito tempo tem sido imposto pela religião católica. Com isso, efeito de sentido posto em movimento por “que você é gay não importa”, considerando a condição de produção em que foi proferido, parece, além de quebrar um silêncio que historicamente encobre questões a respeito da homossexualidade, realçar a inclinação desse sujeito de (tentar) atenuar hoje o que antes era tido como grave.

Podemos, então, levantar a hipótese de que a sequência discursiva “que você é gay não importa” causou grande repercussão sendo noticiada como um discurso que “fez história” porque constitui o que designaremos como acontecimento discursivo. Dessa maneira, é imprescindível compreendermos que, para Pêcheux (2015b), ocorre um acontecimento discursivo quando uma rede de memórias (cristalizadas) entra em contato com novos sentidos (ou sentidos atualizados). Ou seja, há possibilidade de interpretarmos que “que você é gay não importa” parece, por meio do discurso do Papa,

15 Com fins de ilustração e exemplificação, sugerimos a leitura da notícia “Bento XVI: a homossexualidade é injusta e se opõe à vontade de Deus”, disponível em <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2010/11/bento-xvi-a-homossexualidade-e-injusta-e-se-opoe-a-vontade-de-deus.html>. Acesso dia 10 de março de 2022.

apontar o início de uma resignificação em torno da questão da homossexualidade.

Desse modo, compreendemos a noção teórica a respeito de acontecimento discursivo, com base em Pêcheux (2015b), como o efeito do contato entre as redes de memórias e sentidos atualizados. Entretanto, por considerarmos que tal noção exige aqui maior aprofundamento, recorreremos ao que propõe Orlandi (1993) e Pereira (2017) a fim de que seja possível demonstrarmos o modo com que o acontecimento discursivo (pode) produz(ir) a ruptura de uma discursividade, por meio de processos que levam até resignificações (atualizações) de sentidos (já-ditos) aparentemente estáveis.

Adentraremos nessa reflexão a partir da noção de discurso fundador. Inicialmente, observaremos que esse discurso fundador, enquanto característica:

Cria tradição de sentidos projetando-se para frente e para trás, trazendo o novo para o efeito do permanente. Instala-se irrevogavelmente. É talvez esse efeito que o identifica como fundador: a eficácia em produzir do novo que se arraiga, no entanto, na memória permanente (sem limite) (ORLANDI, 1993, p. 13-14).

De acordo com a referida autora, podemos compreender o discurso fundador como aquele que é constituído pela memória discursiva que está na base da produção de diversos sentidos (que se arraigam na/pela memória) e originam, assim como o discurso religioso, pela estabilidade dos sentidos que provoca, diversas práticas sociais e culturais. No caso dos discursos religiosos, temos notado que os processos de significação se valem de sentidos historicamente determinados para reproduzirem (e sustentarem) na sociedade uma determinada discursividade.

Somos levados a compreender que o acontecimento discursivo se constitui, portanto, quando ocorre uma desestabilização dessa (ilusão de) estabilidade dos já-ditos, criando “fissuras” por onde surgem novas significações que

vão apontar para “outras filiações de sentido, fazendo irromper na memória do dizer a sua própria memória de sentidos” (PEREIRA, 2017, p. 126). É importante observar esse “irromper na memória do dizer” considerando que o acontecimento discursivo está diretamente ligado ao discurso fundador, uma vez que o processo de instalação do discurso fundador “irrompe pelo fato de que não há ritual sem falhas, e ele aproveita fragmentos do ritual já instalado – da ideologia já significativa – apoiando-se em ‘retalhos’ dele para instalar o novo. (ORLANDI, 1993, p. 13, grifo da autora).

Desse modo, observamos que “que você é gay não importa” parece criar um movimento que desestabiliza e rompe o já-dito (a memória cristalizada) e estabiliza os novos sentidos possíveis. Ou seja, retomando Pêcheux (2015b), compreendemos que essa declaração promove um contato (batimento) entre os arquivos que constituem o discurso documental da Igreja Católica e os processos de resignificações que deslizam o discurso fundador e “fazem funcionar uma outra memória a partir do novo” (ORLANDI, 1993) que, nesse caso, gira em torno da questão da homossexualidade.

Ainda considerando esse (des)encontro entre a memória (o estável) e a atualização (o novo), é importante também observarmos que tal resignificação, de acordo com Pêcheux (2015b, p. 56) produz a “possibilidade de uma desestruturação-reestruturação dessas redes [de sentidos cristalizados] e trajetos [histórico-sociais]”. Desse modo, quando investigamos os efeitos de sentido que estão sendo (re)produzidos através da sequência discursiva “que você é gay não importa”, somos levados a reconhecer que o “acontecimento discursivo inaugura o funcionamento de novas discursividades, produzindo outros sentidos que derivam desse encontro da memória com a atualidade” (MASSMANN e VOSS, 2021, p. 22).

Por tratar a discursividade nesse modo com que a reconhecemos e por levar em consideração o movimento de ir e vir da memória

discursiva (entre o já dito e o por se dizer), é importante salientar que Pêcheux (2015b) propõe sua questão teórica em relação ao acontecimento discursivo, através do “estatuto das discursividades que trabalham um acontecimento, entrecruzando proposições de aparência logicamente estável [...] e formulações irremediavelmente equívocas” (PÊCHEUX, 2015b, p. 28). Assim sendo, com base no citado autor, ao observar a sequência discursiva “que você é gay não importa”, podemos compreender que “todo discurso é o índice potencial de uma agitação nas filiações sócio-históricas de identificação, na medida em que ele constitui ao mesmo tempo um efeito dessas filiações e um trabalho [...] de deslocamento em seu espaço” (PÊCHEUX, 2015b, p. 56).

É necessário observarmos, neste ponto, que os recortes do discurso do Papa Francisco que estamos aqui discutindo, integram um complexo processo discursivo que “está ancorado na história e é atravessado pela ideologia, pelas relações de força e de poder” (MASSMANN e VOSS, 2021, p. 22). Em vista disso, quando voltamos os olhares para o fragmento “Deus te fez assim e te ama assim, e eu não me importo”, é fundamental entendermos que existe aí um “processo sócio-histórico em que os discursos são produzidos, há um funcionamento da temporalidade que lhe é constitutivo: um antes (a memória), uma atualidade (o que emerge) e um depois (seu desdobramento)” (MASSMANN e VOSS, 2021, p. 22).

Tendo em vista a citação anterior, é muito importante para essa pesquisa avaliar, por meio do estudo do/sobre o discurso, o modo como a temporalidade faz emergir (ou atualiza) sentidos, constituindo o que estamos chamando de acontecimento discursivo. Portanto, a seguir, dividiremos a reflexão do recorte “Deus te fez assim e te ama assim, e eu não me importo” em três etapas, tendo como base o que propõe Massmann e Voss (2021) na citação anterior. Na primeira etapa, focaremos no funcionamento do “antes”, da memória (discursiva).

Assim como já dito, promover gestos de análises sobre o que é dito por um Papa da Igreja Católica, implica em considerarmos o modo com que o interdiscurso molda e regula a elaboração de dizeres futuros. E para compreendermos como e por quê “Deus te fez assim e te ama assim, e eu não me importo”, parece constituir um acontecimento discursivo, buscaremos observar o que está na base do discurso religioso católico (a memória), utilizando como exemplo alguns recortes do Catecismo¹⁶ da Igreja Católica que se referem à questão da homossexualidade. Então, no Artigo 6, capítulo 2, sob o título “Castidade e Homossexualidade”, têm-se que:

2357 - A homossexualidade designa as relações entre homens ou mulheres, que experimentam uma atracção sexual exclusiva ou predominante para pessoas do mesmo sexo. [...] Apoiando-se na Sagrada Escritura, que os apresenta como depravações graves a Tradição sempre declarou que os atos de homossexualidade são intrinsecamente desordenados. São contrários à lei natural, fecham o ato sexual ao dom da vida, não procedem duma verdadeira complementaridade afetiva sexual, não podem, em caso algum, serem aprovados (VATICAN, 1992).

No fragmento acima, é visível que o efeito da memória busca garantir a estabilidade (a tradição) dos sentidos que são (re)produzidos dentro da Igreja Católica (a partir da memória institucionalizada). Ou seja, há um funcionamento do discurso documental (memória de arquivo) que tende, estabilizando um sentido, “a Tradição sempre declarou”, a impedir as possibilidades de abertura para outros sentidos, reduzindo (as possíveis) fissuras nas interpretações e dirimindo assim o movimento de novos processos de significação, nesse caso, a respeito da homossexualidade.

16 Os recortes do Catecismo acima descritos, foram retirados do site oficial do Vaticano. Disponível em: https://www.vatican.va/archive/catechism_po/index_new/p3s-2cap2_2196-2557_po.html. Acesso dia 11 de março de 2022.

Ao passo que, “contrários à lei natural” e “não podem, em caso algum, serem aprovados” constituem o efeito do discurso documental, da memória institucionalizada que, como dissemos, origina a ilusão de estabilidade de um sentido (tomado como único e verdadeiro). E mesmo esse documento (Catecismo) tendo sua primeira publicação datada de mais de quinhentos anos, parece continuar constituindo e justificando práticas de exclusão e marginalização, tão presentes na sociedade contemporânea.

Notamos, desse modo, que o uso dos termos “depravações graves” em relação às práticas homossexuais, expressos no interior de um documento normativo-dogmático, parecem contribuir para a imagem de uma instituição que se coloca na posição de origem fundante da verdade, impondo para a sociedade aquilo que é certo (que eleva ao céu) e errado (que condena ao inferno).

Uma vez que estamos refletindo, com base em Massmann e Voss (2021), a respeito dos processos sócio-históricos em que os discursos são produzidos (no nosso caso, o discurso religioso católico), a começar pela memória (o antes), apresentamos outro recorte do Catecismo da Igreja Católica, a fim de ilustrarmos mais uma vez o modo com que a memória discursiva funciona (re)produzindo efeitos de sentidos a respeito da homossexualidade. No artigo 6, capítulo 2, com título “Castidade e Homossexualidade”, têm-se que:

17 De acordo com o site Dom Total (2020), “foi o Concílio de Trento (1545-1563) a aprovar a primeira edição do Catecismo da Igreja Católica, chamado *Catechismus ad parochos - do latim, Catecismo aos párocos* -, que como o próprio nome diz, serviria de subsídio para que os padres pudessem instruir os fiéis e assim ‘desviá-los das heresias’. O texto foi publicado 3 anos após a conclusão do concílio, em 1566”. Para maiores informações, sugerimos a leitura da notícia “Catecismo da Igreja Católica: para quê foi feito?”, disponível em: <https://domtotal.com/noticia/1464178/2020/08/catecismo-da-igreja-catolica-para-quefoifeito/#:~:text=Em%20%C3%A2mbito%20cat%C3%B3lico%2C%20foi%20o,desvi%C3%A1%2Dlos%20das%20heresias%22>. Acesso dia 15 de julho de 2022.

2358 - Um número considerável de homens e de mulheres apresenta tendências homossexuais profundamente radicadas. Esta propensão, objetivamente desordenada, constitui, para a maior parte deles, uma provação. [...] Estas pessoas são chamadas a realizar na sua vida a vontade de Deus e, se forem cristãs, a unir ao sacrifício da cruz do Senhor as dificuldades que podem encontrar devido à sua condição (VATICAN, 1992).

É importante reiterar que o documento Catecismo é de carácter normativo-dogmático. Ou seja, sua função primeira é impossibilitar a sustentação de novos ou diferentes sentidos. Com isso, o uso do termo “tendências” tende a determinar que a homossexualidade se refere à uma propensão que leva a um comportamento e parece, desse modo, reproduzir o sentido de que é algo passivo de escolha e de adesão. Além disso, “objetivamente desordenada” parece tentar eximir do homossexual condições e capacidade de civilizar-se ao modo dos não-desordenados. É por isso que, no último fragmento do Catecismo que trouxemos, existe a deliberação de que: “2359 - As pessoas homossexuais são chamadas à castidade” (VATICAN, 1992).

No caminho de estudo que estamos propondo, com base em Massmann e Voss (2021), buscaremos, a partir deste ponto, discutir os processos sócio-históricos em que os discursos são (re)produzidos, agora na segunda etapa de reflexões, com ênfase na atualidade (no que emerge). Com isso, retomaremos a sequência discursiva dita pelo Papa Francisco: “Deus te fez assim e te ama assim, e eu não me importo”, para tentarmos compreender o modo com que se sustenta a discursividade de revolucionário por meio desse discurso. Isso porque, afirmar que “Deus te fez assim [homossexual]”, vai de encontro ao sentido, como vimos, posto em funcionamento pelo Catecismo em relação à homossexualidade.

Observamos que a memória de arquivo trabalha para a estabilização dos sentidos do (produzidos pelo) discurso fundador. Logo, consideramos, com base em Pêcheux (2015b), que tal declaração do Papa Francisco constitui

um acontecimento discursivo porque, como dito, rompe (no momento da fala) com a discursividade reproduzida pelo discurso fundador (católico) e sustentada pelo efeito da memória de arquivo (da instituição católica). Compreendemos também que essa repercussão da mídia (como um discurso que “fez história”) indica que essa afirmação de Francisco possui grande importância, notoriedade e o seu impacto parece possuir condições para não mais ser esquecido.

É por esse motivo que somos levados a compreender que o acontecimento discursivo “produz movimentos de desconstrução na discursividade e de desestabilização dos sentidos” (MASSMANN, 2021, p. 353). Ou seja, quando o Bispo de Roma direciona a um homossexual que “Deus te fez assim e te ama assim, e eu não me importo”, desliza para longe dos sentidos reproduzidos pelo Catecismo, de tal modo que rompe com a (estável e cristalizada) discursividade sustentada pela Igreja.

Em vista disso, podemos retomar aqui o que estudamos em relação à polissemia. De acordo com Orlandi (2020), percebemos que assim como o discurso autoritário, o discurso religioso, em seu funcionamento, se caracteriza pela inclinação por conter (estancar) a polissemia. Entretanto, somos levados a compreender que no discurso que instala aquilo que estamos chamando de acontecimento discursivo, parece haver um movimento (deslizamento) da tendência a monossemia até a polissemia. E é justamente a existência da polissemia¹⁸ que provoca, como vimos, a ruptura, ou seja, a possibilidade de outros (novos) processos de significação.

Na terceira etapa das reflexões que propomos, compreender como se dá, nas palavras

18 É importante detalhar que o “efeito” dessa polissemia no funcionamento do discurso se refere, com base em Orlandi (2020), à possibilidade de o discurso filiar-se a formações discursivas outras. No caso que aqui estudamos, essas “outras” são aquelas formações discursivas não dominantes (distantes do discurso fundador) que atravessam os sentidos (supostamente) estabilizados pelo discurso documental (católico).

de Massmann e Voss (2021), o “depois” (o desdobramento) provocado pelo que foi dito (por Francisco), implica perceber que “os deslizamentos e os efeitos de sentidos que decorrem desse acontecimento discursivo já podem ser observados em nossa sociedade” (MASSMANN e VOSS, 2021, p. 22). Isso porque, esse desdobramento parece ter seus reflexos reproduzidos nas/pelas numerosas ocorrências que noticiam as declarações do Papa como revolucionárias, assim como nos mostra o print da reportagem que trouxemos no início dessa seção.

O desdobramento ocasionado por “Deus te fez assim e te ama assim, e eu não me importo”, estaria, portanto, no modo com que tem sido reproduzida (pela mídia) a discursividade em torno de Francisco. Pois, o uso de títulos como “faz história”, em relação a um discurso (com autoria) do Papa, parece contribuir com a sustentação do sentido e a repercussão da imagem de revolucionário que estamos nos referindo.

Entretanto, existe um cuidado necessário ao olhar analítico que precisa ser incluído na discussão. É certo que “Deus te fez assim [homossexual] e te ama assim, e eu não me importo” promove ruptura de uma determinada discursividade católica. Porém, os sentidos produzidos neste recorte não provocam necessariamente a instalação de uma nova discursividade; não geram materialidade discursiva suficiente para estabilizar uma (outra) memória institucional que, nesse caso, aceite o homossexual. Ou seja, tal declaração não fez com que o Vaticano iniciasse uma reedição (ressignificação) da Bíblia ou do Catecismo (discurso documental), por exemplo.

Desse modo, é necessário atentarmos para a compreensão de que para que haja o acontecimento discursivo, conforme Orlandi (1993), é imprescindível que, por meio das brechas (fissuras) importantes nessas redes de memórias (institucionais) católicas, outros (novos) textos (documentos) sejam (re)formulados para iniciarem a estabilização desses outros sentidos, produzindo

do assim uma memória de arquivo que seja suficiente para romper, de modo significativo, com o discurso fundador.

A contribuição de Orlandi (1993) nos leva a observar que essa não-repercussão oficial do Vaticano indica que a resposta de Francisco parece ter deslizado para longe da (ilusão de) estabilidade produzida pelo efeito de arquivo. Ou seja, houve aí o batimento¹⁹ entre a memória institucional e aquilo que emerge na/pela contemporaneidade. No entanto, esse confronto, como vimos, não gerou potência suficiente para promover, oficialmente, uma atualização²⁰ do discurso documental da Igreja Católica que tivesse o objetivo de sustentar essa nova discursividade. É por isso que, de acordo com Orlandi (1993), se não houve a atualização dos documentos, não se instalou o acontecimento discursivo.

Considerações finais

Reunir alguns recortes do discurso documental (a Bíblia e o Catecismo) da Igreja Católica viabilizou a observação e a compreensão do modo com que essa Instituição religiosa tende a cristalizar a discursividade em torno da

questão do sujeito homossexual. Vimos que a memória institucional parece resistir aos processos de resignificações que são trazidos pelas mudanças inscritas na modernidade e continua inclinando-se em direção à monossemia. Então, para tentar responder à pergunta “quais formações discursivas permitem que o Papa Francisco seja (atualmente) discursivizado pela mídia como revolucionário?”, levantamos a hipótese de que o sentido de revolucionário que tem sido direcionado (pela mídia) a Francisco, advém das afirmações que divergem e desestabilizam a memória de arquivo (da Igreja Católica), o que explica o (aparente) estranhamento na sociedade.

Como visto, o discurso da Igreja de Roma é constituído e sustentado pelo funcionamento da noção de memória de arquivo. E quando consultamos alguns documentos que constituem essa memória, em específico a respeito da questão da homossexualidade, encontramos expressões fortemente depreciativas que, além de insultar e discriminar, parecem continuar possuindo valor e legitimidade institucional, visto que não houve (até a conclusão da escrita deste artigo) uma posição oficial da Igreja que propusesse a atualização (retificação) de tais expressões.

Desse modo, tendo em vista o objetivo de identificar ocorrências de deslizamentos de sentidos comparando o dito pelo Papa Francisco com aquilo que está na base do discurso religioso católico, buscamos estudar os efeitos da memória institucional ao mesmo tempo em que analisamos as respostas do Papa (que constituem nosso corpus). Tal procedimento nos permitiu levantar a hipótese de que os deslizamentos de sentidos ocorrem quando o Papa se inscreve na posição de autoria afirmações diferentes das que constam nos documentos oficiais da Igreja. Ou seja, notamos que no funcionamento do corpus aqui observado, Francisco desestabilizou o discurso fundador (protegido por documentos) da Igreja e por isso recebeu da mídia posição (discursivização) de revolucionário.

19 A leitura da obra “Discurso: estrutura ou acontecimento” de Pêcheux (2015b) nos permitiu compreender que para o citado autor, instala-se o acontecimento discursivo quando uma rede de memórias (cristalizadas) entra em contato com novos sentidos (ou sentidos atualizados). Ou seja, recuperando o espaço de observação adotado por essa pesquisa, o efeito que é produzido pelo confronto (batimento) entre as respostas de Francisco (em relação aos escândalos no Chile e dentro do avião) e aquilo que consta na Bíblia e no Catecismo, é suficiente para observarmos o funcionamento dessa noção teórica na prática. Em outras palavras, se optássemos por fundar nossas investigações exclusivamente no que propõe Pêcheux (2015b), poderíamos levantar a hipótese de que através das respostas de Francisco houve (plenamente) o acontecimento discursivo.

20 Essa “atualização” está sendo utilizada aqui como efeito da desestabilização do discurso fundador (católico). Ou seja, para Orlandi (1993) a instituição do acontecimento discursivo tem como condição a instalação de outras (novas) redes de filiações nos/pelos processos discursivos que produzirão (estabilizando) essa outra memória.

Consideramos justo indicar que as discussões que aventamos ao longo deste trabalho não visam apenas intitular e taxar a Igreja Católica como uma instituição que (re)produz na sociedade efeitos de sentidos LGBTfóbicos. Comprendemos que as práticas de exclusão das minorias possuem inúmeras fontes e não tivemos o interesse neste estudo de culpar unicamente a Igreja Católica. O que nos impulsionou foi a tentativa de entender o modo com que o Papa Francisco, chefe maior desta instituição que é alicerçada em Evangelhos que pregam o amor a Deus e ao próximo, se esforça para contribuir com a construção de uma sociedade menos intolerante e intransigente frente às diferenças.

Notamos que esse aparente esforço de Francisco em (tentar) não (re)produzir sentidos homofóbicos em suas repostas, pode ser compreendido como um acontecimento discursivo (com base em Pêcheux 2015b) porque a história nos mostra que são raras as ocorrências em que um Papa se posicionou com esse importante cuidado para não reforçar o sentido negativo que a homossexualidade parece possuir na sociedade. Entretanto, para não promovermos conclusões ingênuas, é indispensável, mais uma vez, nos atentarmos para o que propõe Orlandi (1993).

Então, antes de intitularmos o Papa Francisco como um revolucionário que instalou um acontecimento discursivo na Igreja Católica, é necessário compreendermos que as repostas que analisamos não geraram materialidade discursiva suficiente para produzir e estabilizar um novo discurso documental (católico) que inclua o homossexual. É aí que tal observação além de impossibilitar a identificação do acontecimento discursivo, (infelizmente) exige que nós, pesquisadores do funcionamento dos discursos religiosos, continuemos utilizando a expressão “ainda não” nas discussões sobre possíveis modificações no discurso da Igreja.

Consideramos que um dos resultados dos processos de escrita deste trabalho se encontra na adesão ao compromisso (e desafio) de ques-

tionar, com criticidade validada pelo estado de constante busca pela formação, a inviolabilidade das supostas “verdades universais” que há anos circulam livremente na sociedade e que nos são entregues como parâmetros definidores do bom ou ruim, certo ou errado.

A relevância deste trabalho situa-se na disposição em utilizar a pesquisa científica como estímulo para reflexões a respeito dos discursos que são difundidos na/pela sociedade contemporânea. De modo que, por meio do senso crítico, seja possível caminharmos em direção a uma formação acadêmica que colabore com a emancipação humana e que seja fortemente voltada para o apoio, respeito e proteção daqueles (as) que são condenados (as) pela injustiça a formas de vida repletas de sofrimento e exclusão.

Referências

ALTHUSSER, Louis. Aparelhos ideológicos de Estado: nota sobre os aparelhos Ideológicos de Estado. Tradução: Walter José Evangelista e Maria Laura Viveiros de Castro. 6. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985.

AMARAL, Abraão Janderson dos Santos; LOPES, Maraisa. Da análise automática do discurso à teoria materialista dos processos discursivos: um percurso histórico. *Revista Investigações*, Recife, v. 32, n. 2, p. 479-506, 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/INV/article/view/241761>. Acesso em: 02 abr. 2022.

BÍBLIA, A. Mensagem de Deus. São Paulo - SP. Edições Loyola, 1994.

CATECISMO da Igreja Católica. Vaticano, 1992. Disponível em: https://www.vatican.va/archive/cathechism_po/index_new/prima-pagina-cic_po.html. Acesso em: 11 mar. 2022.

FERNANDES, Adriana. O projeto político pedagógico: espaço de uma formação discursiva própria da escola? Em: SEMINÁRIO DE ESTUDOS EM ANÁLISE DO DISCURSO (SEAD), 4., 2009, Porto Alegre. Anais [...].

- Porto Alegre: UFRGS, 2009. Disponível em: <http://www.analisedodiscurso.ufrgs.br/anaisdosead/sead4.html>. ISSN 2237-8146. Acesso 2 de jun. de 2002.
- GUILHAUMOU, Jacques e MALDIDIER, Denise. Efeitos do arquivo. A análise do discurso no lado da história. Em: ORLANDI, Eni Puccinelli (Org.) Gestos de Leitura. 4ª ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2014.
- LIMA JÚNIOR, Francisco Chagas Vieira. Jesus é o filho de Deus (e o Imperador não é): a simbolização de discursos antiimperialistas nos relatos evangélicos sobre o nascimento de Jesus. Veredas Favip, Revista Eletrônica de Ciências - v. 2, números 1 e 2 – jan./dez. 2009.
- MASSMANN, Débora et al. Ativismo de gênero: discursos de/sobre a mulher no “feminismo”. Leitura, Maceió, n. 69, dossiê especial “Discurso, Gênero, Resistência”, p. 343-355, maio/ago. 2021. Disponível em: <https://www.seer.ufal.br/index.php/revistaleitura/article/view/11983/8623>. Acesso em: 25 mar. 2022.
- MASSMANN, Débora; VOSS, Lílian Figueiredo (org.). Formação universitária em tempos de pandemia: desafios e saberes. Maceió: EduFal, 2021.
- NUNES, José Horta. O Discurso Documental na História das Ideias Linguísticas e o caso dos Dicionários. Alfa, Revista de Linguística. São Paulo, n. 52 (1), 2008. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/view/1468>. Acesso em: 2 jun. 2022.
- ORLANDI, Eni Puccinelli. A Análise de Discurso em suas diferentes tradições intelectuais: o Brasil. In: SEMINÁRIO DE ESTUDOS EM ANÁLISE DO DISCURSO (SEAD), 1., 2005, Porto Alegre. Anais [...]. Porto Alegre: UFRGS, 2005. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/analisedodiscurso/anaisdosead/1SEAD/Conferencias/EniOrlandi.pdf>. Acesso em: 13 set. 2021.
- ORLANDI, Eni Puccinelli. A materialidade do gesto de interpretação e o discurso eletrônico. Em: DIAS, Cristiane. Formas de mobilidade no espaço e-urbano: sentido e materialidade digital [online]. Série e-urbano. Vol. 2, 2013b. Disponível em: <http://www.labeurb.unicamp.br/livroEurbano/>. Acesso 2 jun. 2022.
- ORLANDI, Eni Puccinelli. Análise de discurso: princípios e procedimentos. 13. ed. Campinas: Editora Pontes, 2020.
- ORLANDI, Eni Puccinelli. A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso. 4. ed., 4. reimp. Campinas: Pontes Editores, 2006.
- ORLANDI, Eni Puccinelli. Discurso Fundador: a formação do país e a construção da identidade nacional. Campinas: Pontes Editores, 1993.
- ORLANDI, Eni Puccinelli; LAGAZZI-RODRIGUES, Suzy (org.). Introdução às ciências da linguagem: discurso e textualidade. 3. ed. Campinas: Pontes Editores, 2017.
- ORLANDI, Eni Puccinelli. Língua e conhecimento linguístico: para uma história das ideias no Brasil. 2. ed. São Paulo: Cortez Editora, 2013a.
- PÊCHEUX, Michel. Análise automática do discurso (AAD-69). In: GADET, Françoise; HAK, Tony (org.). Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Tradução: Bethânia Mariani et al. 5. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2014a.
- PÊCHEUX, Michel et al. Papel da memória. Tradução e introdução: José Horta Nunes. 4. ed. Campinas: Pontes Editores, 2015a.
- PÊCHEUX, Michel. O discurso: estrutura ou acontecimento. Tradução: Eni Puccinelli Orlandi. 7. ed. Campinas: Pontes Editores, 2015b.
- PÊCHEUX, Michel. Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio. Tradução: Eni Puccinelli Orlandi et al. 5. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2014b.
- PEREIRA, Lídia Noronha. A (des)estabilização de sentidos para corpo-e-sujeito inscritos pela

sexualidade e pelo gênero: efeitos de ruptura. 2017. Tese (Doutorado em Ciências da Linguagem). Universidade do Vale do Sapucaí, Pouso Alegre, 2017.

XIMENES, Sérgio. Minidicionário Ediouro da Língua Portuguesa. 2. ed. São Paulo: Ediouro Publicações, 2000.

Submissão: novembro de 2022.

Aceite: dezembro de 2022.